

O REINO DE DEUS E A IDENTIDADE DE JESUS NO EVANGELHO DE MARCOS

Junior Vasconcelos do Amaral¹

RESUMO

Esta comunicação busca compreender no anúncio do Reino de Deus e a identidade de Jesus, a partir da narrativa do evangelho de Marcos. Nossa intenção consiste em elencar e apresentar o elemento teológico fundamental da vida de Jesus de Nazaré na narrativa de Marcos: o anúncio do Reino de Deus, a soberania divina sobre as realidades humanas. A vida de Jesus está demarcada no itinerário narrativo de Marcos. Neste itinerário, o anúncio do Reino de Deus se constitui o epicentro da pregação de Jesus, que para Marcos tem seu início no batismo no Jordão (Mc 1,14-15). Jesus, após a prisão de João, se dirige para a Galileia e anuncia que “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no evangelho”. Observa-se que, a partir de Mc 1,14-15, o Evangelho marcano buscará tecer o sentido teológico-narrativo do Reino de Deus, que está prenhe na pregação parabólica de Jesus e em sua práxis transformadora. O Reino de Deus, em Marcos, se configura como realidade já presente na história, pois Jesus cura (Mc 1,34), expulsa os demônios (Mc 5,1-20) e age segundo o poder de Deus - exousia divina. Contudo, o Reino não está completamente consolidado, remetendo-se além da história, pois encontrará sua plenitude na escatologia (Mc 4,26), no momento em que o Filho do Homem vier em sua glória (Mc 13,26). Por fim, nosso desejo é perceber que a mensagem do Reino de Deus configura a identidade messiânica e escatológica de Jesus, o Cristo, Filho de Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Reino de Deus, Jesus Cristo, Evangelho de Marcos, identidade, narrativa.

1. Introdução

Esta comunicação buscará compreender o sentido de Reino de Deus no evangelho de Marcos em consonância com a identidade de Jesus (cf. Mc 1,14-15). Buscaremos elencar e apresentar os elementos teológicos fundamentais da vida de Jesus de Nazaré na narrativa de Marcos. Apresentamos, para um estudo mais aprofundado sobre este evangelho, sugestões variadas de leitura, desde aquelas realizadas sob o ponto de vista do clássico método Histórico Crítico até às mais atuais, sob a perspectiva do método de Análise Narrativa².

¹ Doutor em Teologia Sistemática pela FAJE – Belo Horizonte. Estágio de bolsa sanduíche na Université Catholique de Louvain-la-Neuve, na Bélgica, pesquisando “Narratologia bíblica”. Participante do grupo de estudos “Bíblia em leitura cristã”, ligado ao CNPQ. Email: jvsamaral@yahoo.com.br. Professor de Exegese Bíblica no Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa, PUC- Minas.

² Para o estudo mais aprofundado sobre os variados aspectos do Evangelho de Marcos sugerimos a obra *The Gospel according to St. Mark*, de Vincent Taylor, que contempla a história do evangelho na Igreja Primitiva e oferece ampla introdução histórico-crítica e literária a Marcos. Fruto de paciência, método, concentração e tempo, elaborada entre os anos de 1942 e 1952, a obra é um trabalho de expressão do método exegético histórico crítico que primou pela “história das formas”. Cf. TAYLOR,

2. A vida e o evangelho como anúncios do Reino

A vida de Jesus marca singularmente o ideário narrativo de Marcos e sua conexão com o anúncio do Reino integra toda narrativa marcana, culminando com a Paixão de Jesus, que pode ser compreendida como expressão e consequência de sua opção pelo Reinado de Deus, na busca de realizar a vontade de Deus (cf. Mc 14,36).

Conforme V. Taylor, “o propósito de Marcos é relatar como começou a boa notícia sobre Jesus Cristo, Filho de Deus”³. Partindo desta premissa, seguimos o itinerário da vida de Jesus até a culminação de sua morte, com o objetivo de elencar os pontos cardeais da vida de Jesus: missão, curas, parábolas e viagem para Jerusalém. Destes pontos fundamentais desembocar-se-á no fato fundamental da vida de Jesus: sua Paixão, e conseqüentemente, a ressurreição (Mc 8,31; 9, 32, 10,34).

A vida de Jesus e sua identidade são excepcionais e inauditas. Excepcional porque Jesus é o Filho de Deus, não porque se auto-intitulou “Filho de Deus”, mas porque foi gerado Filho de Deus e enviado ao mundo. Inaudita porque nunca se ouviu falar que um ser humano era, ao mesmo tempo, homem e Deus, e que tivesse sido “feito carne”, *sa.rx evge,neto* (Jo 1,14) de condição humana, como de fato aconteceu com Jesus. A vida do Nazareno é realmente inaudita e, com isso sua identidade. A vida constitui a identidade de um ser. Neste sentido, a obra salvífico-messiânica concretizada por Jesus Cristo pode encontrar sua concentração máxima na cruz, que torna-se o *locus* sumário da revelação divina, associada

Vincent. *The Gospel according to St. Mark*. 8. ed. London: Macmillan and Co. Ltd. 1969. Cf. também publicação em lingual espanhola: TAYLOR, Vincent. *Evangelio segun San Marcos*. Madrid: Cristandad, 1979. Outros comentários ao Evangelho de Marcos que podem ser considerados clássicos do Método Histórico Crítico: HARRINGTON, Daniel J. O Evangelho segundo Marcos. In: BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph; MURPHY, Roland E. (Ed.). *Novo comentário bíblico São Jerônimo*. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2011. GNILKA, Joachim. *El Evangelio según san Marcos: Mc 1-8,26*. v. 1. 5 ed. Salamanca: Sígueme, 2005. GNILKA, Joachim. *El Evangelio según san Marcos: Mc 8,27-16,20*. v. 2. 5 ed. Salamanca: Sígueme, 2005. PESCH, Rudolf. *Il Vangelo di Marco: introduzione e commento ai capp. 1,1-8,26*. Brescia: Paideia, 1980. Sob o ponto de vista do método de Análise Narrativa: DELORME, Jean. *L'heureuse annonce selon Marc: lecture intégrale du deuxième*. Évangile I et II. Paris: Les éditions du Cerf; Montréal: Médiaspaul, 2008. STANDAERT, Benoît. *Évangile selon Marc: commentaire*. Pendé: J. Gabalda, 2010 3 v. Vale lembrar também o comentário ao Evangelho de Marcos a partir da linguística pragmática, como passo além do método histórico-crítico: LENTZEN-DEIS, Fritzleo. *Comentário ao Evangelho de Marcos*. São Paulo: Ave Maria, 2003.

³ TAYLOR, *Evangelio*, p. 163.

por excelência à ressurreição⁴. A cruz e a glória de Jesus estão em íntima associação; em sentido de continuidade, mas também descontinuidade. Em continuidade, porque a cruz é possibilidade para que a glória de Jesus – a ressurreição – aconteça. Em descontinuidade, porque a glória é também o momento ápice da revelação divina de Jesus. Contudo, esta glorificação discreta de Jesus, segundo a narrativa de Marcos (Mc 16,7-8), só pode se tornar realidade e ser experimentada a partir da cruz, no instante derradeiro da vida de Jesus. Não se entende a ressurreição sem a cruz e não se entende a morte desvinculada da glorificação⁵. Neste caso, particularmente, em Jesus de Nazaré, o Cristo da fé.

Na vida de Jesus, por sua vez, a mensagem que se pode salientar é o evangelho do Reino, da soberania divina⁶. Marcos escreveu o evangelho, também, no intuito de rememorar a seus ouvintes e leitores a indispensável vivência da soberania de Deus, “apesar da oposição e ameaça”⁷ constantes naquele período, dos anos 66 a 70 d. C. Vale o aviso de que o Reino constitui o importante elemento para a composição do evangelho marcano. É possível encontrar 7 vezes no evangelho marcano a palavra grega *basiléia*, que pode ser traduzida por Reino.

Marcos estava convidando a gente a crer na boa-nova da chegada da soberania de Deus e no tipo de vida que implicava. Ao fazer isso, os incitava a converterem-se em seguidores de Jesus. Também estava advertindo acerca da iminente culminação da soberania de Deus. E, como temos sugerido, estava buscando fortalecer aos seguidores ante o conflito e a perseguição⁸.

⁴ Os relatos bíblicos sobre a Ressurreição de Jesus no NT são, em sua maioria, expressos em voz passiva. “Jesus Nazareno, o Crucificado: ele foi ressuscitado”, diz Marcos (16,6 e Mt 28,6. Também outros relatos: 2Tm 2,8; 1Cor 15,3-7; Rm 8,11). Estes versículos levam à compreensão de que a Ressurreição consiste na intervenção de Deus, contudo, uma intervenção que não tem equivalente na história, pois jamais se ouviu dizer que Deus havia ressuscitado alguém dos mortos. Cf. MAINVILLE, Odette; MARGUERAT, Daniel. Ressurreição: o pós-morte no mundo antigo e no Novo Testamento. *Ciberteologia: Revista de teologia e cultura*. São Paulo, n. 4, mar-abr 2006, p. 1-8. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/05/ressurreicao.pdf>> Acesso em: 17 set. 2013.

⁵ “É com a exaltação que a ressurreição de Jesus assume todo o seu sentido. Não somente é mais englobante, mas é também mais suscetível de corrigir a falsa percepção de uma vida nova que seria modelada sobre a vida terrestre. ‘A exaltação cumpre assim, a respeito da Ressurreição e da vida, uma função de ordem hermenêutica.’” MAINVILLE; MARGUERAT, *Ressurreição*, p. 3.

⁶ Jesus anuncia o Reino de Deus como Boa-Nova. O anunciador se converte também em *autobasiléia*, como reino de Deus em pessoa, afirma Orígenes. Mc 9,1 diz: “Em verdade vos digo: alguns dos que estão aqui não provarão a morte sem antes terem visto o Reino de Deus chegar com poder”. Esta poderia ser uma alusão de Jesus à Ressurreição que ele logo experimentaria.

⁷ RHOADS; DEWEY; MICHIE, *Marcos*, p. 15. (Trad. nossa)

⁸ RHOADS; DEWEY; MICHIE, *Marcos*, p. 15. (Trad. nossa)

O *euangélion*, a Boa-Nova do Reino, se descortina como transmissão narrativa da vida, práxis, paixão, morte e ressurreição de Jesus⁹. Do mesmo modo, o Reinado de Deus é o centro do anúncio de Jesus¹⁰. Assim ele diz: “Completo-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede na Boa-Nova” (Mc 1,15). Na perspectiva de J. B. Libanio,

bons exegetas interpretam os versículos de Marcos como verdadeiro resumo da missão de Jesus: apontar para a presença do Reino pela ação de Deus. E esta se manifesta na sua pessoa, mensagem, ações. E ele, por sua vez, não se autocompreende fora de tal relação com o Reino¹¹.

3. Reino de Deus

A mensagem do Reino, inaugurada na boca de Jesus, é transmitida pelos narradores bíblicos como experiência fundamental para ele e, concomitantemente, para todos os cristãos. Neste sentido, W. Benjamin, ao tratar da tarefa do narrador, que busca condensar por escrito a experiência vivida, afirma: “A experiência que passa de boca em boca é a fonte à qual recorreram todos os narradores”¹². Esta constatação benjaminiana aplica-se à vida de Jesus de Nazaré, bem como ao anúncio do Reino proferido por ele, pois ambos passaram de boca em boca como objetos de admiração dos cristãos. A identidade de Jesus e a mensagem sobre o Reino são conteúdos essenciais para as narrativas neotestamentárias. Isso se constata no segundo evangelho. Neste sentido, afirma J. Delorme:

⁹ Contudo, Rudolf Bultmann, afirma: “Jesus pregou o Reino; a Igreja prega Jesus Cristo. O pregador é agora pregado”. Cf. BULTMANN, Rudolf Karl. *Apud* BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 21. Portanto, o termo “reinado”, proveniente do grego *Basiléia tou theou*, equivale ao epicentro da mensagem salvífica de Jesus, isto é, a consolidação da vontade de Deus, de seu domínio sobre os homens e, no caso de Jesus, em sua vida. O Filho é aquele que faz com prazer a vontade do Pai. Já na percepção de Leonardo Boff, na própria vida aberta, inclusiva e de alteridade de Jesus, já se realiza o Reino de Deus. Cf. BOFF, Jesus, p. 23. Para Joachim Jeremias, a expressão “Reino de Deus” (*Basiléia tou theou*) constitui uma das expressões exclusivas da fala de Jesus. Isso não quer dizer que ela não seja encontrada em outras literaturas religiosas, mas sim que ninguém a utilizou antes com tanta frequência, nem com a mesma acepção utilizada por Jesus. O termo “Reino de Deus” está assim distribuído nos Evangelhos: Em Marcos: 13 vezes; nos ditos de Mateus e Lucas (Q): nove vezes; em Mateus: 27 vezes; em Lucas: 12 vezes; no Evangelho segundo João, apenas duas vezes. Cf. JEREMIAS, Joachin. *Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Teológica, 2004. p. 72.

¹⁰No idioma do NT, “o termo *euangélion* pode indicar a mensagem alegre da salvação e o conteúdo da pregação de Jesus”. Progressivamente, indicará o próprio Jesus: ele não é somente o agente da pregação, mas é, ao mesmo tempo, conteúdo do Evangelho (Cf. DUQUOC, Christian. *Cristologia: ensaio dogmático I*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 66).

¹¹ LIBANIO, João Batista. A redescoberta do Reino. *Ciberteologia*. Revista de Teologia e Cultura. São Paulo, ano 2, n. 12, p. 53-56, 2007. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/06/03aredescobertadoreino.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2013.

¹² BENJAMIN, O narrador, p. 214.

Nós vemos que a maneira de (Marcos) contar indica que os atos de Jesus visam a outro nível que aquele das coisas e das necessidades práticas [...]. O leitor é conduzido a, na trajetória do Jesus de Marcos, desconcertar a compreensão ao abrir-se a uma existência nova. O “mistério” do “Reino de Deus” se desvenda através dos “sinais”, e estes fazem apelo a uma inteligência do “coração”¹³.

Marcos significativamente rememorou e narrou, a partir da experiência vivida (não pessoal ou diretamente com Jesus), aquilo que ouviu do testemunho de Pedro¹⁴. O fulcro do anúncio é aquilo que Jesus mesmo anunciou: *o advento do Reinado de Deus*. Desta maneira, “o núcleo da teologia de Marcos é o mesmo da teologia de Jesus – o Reino de Deus”¹⁵. No entanto, a mensagem do Reinado de Deus, inaugurada por Jesus, no evangelho de Marcos, está indistintamente associada à sua pessoa, isto é, à cristologia de Marcos, sobremaneira naquilo que Jesus mesmo realizou: pregação da Palavra de Deus, curas, exorcismos, libertações, parábolas, mas, acima de tudo, na entrega da sua própria vida na cruz em remissão de todos. Estas realidades anunciadas e concretamente experimentadas por Jesus constituem o Reinado de Deus, o domínio divino em relação à história humana. “Embora Jesus falasse sobre o Reino de Deus em parábolas, sua vida era, de fato, a parábola do Reino por excelência”, considera D. Harrington. A intenção de Marcos, continua Harrington, é “que qualquer pessoa que deseje entender o Reino deve olhar para Jesus, o curador, o mestre, o crucificado e ressurreto”¹⁶.

¹³ DELORME, Jean. *L'Heuresse annonce selon Marc: lecture intégrale du deuxième évangile II*. Paris, Montreal: Éditions du Cerf, Médiaspaul. 2008, p. 11. (Trad. nossa).

¹⁴ A fonte histórica de Marcos será considerada no próximo capítulo deste trabalho. Sobre a questão do contexto histórico do Evangelho de Marcos, podemos nos apoiar nas afirmações presentes na obra *Marcos como relato*: “Han surgido dos grandes propuestas acerca del origen del Evangelio de Marcos. Algunos investigadores aceptan una tradición de Papías, líder eclesiástico del siglo II, que atribuye este evangelio a un tal Juan Marcos, ‘un intérprete del apóstol Pedro’ que puso por escrito las tradiciones acerca de Jesús pero ‘no en orden correcto’. Estos investigadores sitúan el origen del Evangelio de Marcos en Roma a mediados de la década de los años sesenta, unos treinta años después de la muerte de Jesús y poco después de la ejecución de Pedro y de la dura persecución de los cristianos en Roma por parte del emperador Nerón. Otros investigadores dudan de la exactitud de la tradición de Papías. Argumentan que un estudio de Marcos realizado en sí mismo, prescindiendo de cualquier tradición, no sugiere ninguna conexión entre el autor anónimo y el apóstol Pedro. Estos investigadores sitúan este Evangelio en Palestina o cerca de allí, normalmente en un ambiente rural, tal vez en Galilea o Siria. Fechan este evangelio durante o inmediatamente después de la guerra romano-judía que va de los años 66-70 – una revuelta de Israel contra la dominación romana que terminó con la derrota estrepitosa de Israel y con la destrucción de Jerusalén y del templo judío. Nosotros nos inclinamos a adoptar esta visión”. RHOADS; DEWEY; MICHIE, *Marcos*, p. 14-15.

¹⁵ HARRINGTON. *O Evangelho*, p. 67. De acordo com Joachim Gnilka, em Marcos continua viva a pregação a respeito do Reino de Deus; inclusive ocupa um lugar central. Cf. GNILKA, *El Evangelio*, p. 25.

¹⁶ HARRINGTON, *O Evangelho*, p. 67.

J. Gnilka observa a noção de Reino de Deus como *domínio* divino. Ele afirma:

É incontestável que o ponto central da pregação de Jesus foi a dominação de Deus, ou o Reino de Deus (*Basileia tou Qeou*). Sempre de novo ele falou sobre este assunto, explicando-o através de parábolas. O domínio de Deus pode, literalmente, ser considerado como o centro de sua atividade. Pois é o ponto central em torno do qual tudo mais se organiza, não só a sua mensagem, como também sua atividade de curar os enfermos e de operar milagres, e seu imperativo ético¹⁷.

Destarte, o Reino de Deus e a vida de Jesus, o Messias, se entrecruzam no relato marcano¹⁸. A confluência entre a identidade de Jesus e sua práxis leva a pensar na elaboração de uma cristologia, não apenas por teoria e palavras, mas, sobretudo, pela práxis libertadora de Jesus. Estes horizontes hermenêuticos (identidade jesuânica e Reino) se fundem no percurso do conhecimento de Jesus e da fé cristã. Não é possível conhecer Jesus deixando de lado a mensagem do Reinado, ou melhor, do Reinado de Deus, anunciado por ele. Não é possível abraçar ou aderir à mensagem do Reinado de Deus descartando seu idealizador e arauto, Jesus de Nazaré. O centro do evangelho é, portanto, a iminente vinda do Reino, que se concretizará na revelação do Messias Jesus. A revelação messiânica terá seu clímax no Calvário. Na fidelidade ao Pai, Jesus anuncia a messianidade, cumprindo-a fielmente. A *exousía* de Jesus, o poder-autorizado pelo Pai, consiste em realizar a obra deste, que autorizou Jesus a realizá-la.

Sem reduzir o mérito da vida de Jesus, Marcos propõe na “dobradiça” da narrativa a “pergunta crucial a todos os leitores: Quem acreditais vós que eu sou?” (8,29). Evidentemente, os leitores que se encontram diante desta questão pertencem a diferentes

¹⁷ GNILKA, Joachim. *Jesus de Nazaré: mensagem e história*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 83. Gnilka associa o anúncio do domínio de Deus às parábolas: “O filho da Galileia apresentava seus pensamentos revestidos ‘com a roupagem de sua pátria e com mão segura dirigia seus fiéis do conhecido para o desconhecido, do mundo sensível para o Reino dos Céus’. Descrevendo coisas que todos conheciam, ou mesmo as coisas da vida diária, as parábolas fazem desfilar diante dos olhos de nosso espírito a vida das pessoas simples de seu tempo, do agricultor que espalha a semente no campo, do pescador que puxa a rede de arrasto, mas também do morador da cidade de Jerusalém que dá um banquete ou que vai ao templo para rezar. A história viva que prende o ouvinte; a imagem que até hoje ainda consegue fascinar o leitor que a ela se abre, mas que aponta para além de si mesma, para o Reino de Deus, faz com que ele se torne palpável e com que experimentemos sua presença.” GNILKA, *Jesus*, p. 85, incluindo uma citação de JÜLICHER, *Gleichnisreden*.

¹⁸ Gnilka afirma que o “fato de a pregação do domínio de Deus estar ligada à pessoa de Jesus pode ser confirmado por ela ser predominante nos evangelhos sinóticos. No Evangelho de João o domínio de Deus já desaparece quase por completo (ocorrendo apenas em Jo 3,3 e 3,5). Cf. GNILKA, *Jesus*, p. 83.

categorias (1,27; 4,41; 6,14-15; 8,27-30; 12,35-37; 14,61; 15, 2.32.39), afirma Fritzeo Lentzen-Deis¹⁹. Em sua opinião,

o segredo messiânico (1,34; 3,12; 8,30; 9,9), que de Wrede em diante ocupa um lugar primordial na discussão a respeito da teologia de Marcos, é um recurso pragmático do autor que, para provocar a resposta dos leitores, coloca-os diante do desafio da pessoa de Jesus e de sua identidade²⁰.

4. Identidade de Jesus

A identidade de Jesus é questão indispensável na ordem da narrativa do segundo evangelho. Jesus pergunta aos discípulos o que eles ouvem a respeito dele pelo caminho. A indagação de Jesus vai além de saber o que as pessoas dizem a respeito de sua identidade e missão; ele quer saber, sobretudo, o que os discípulos consideram acerca dele, a partir do encontro pessoal com ele, estabelecido desde o início do chamado²¹ (Mc 1,17; 2,13; 3,13-19). Este *feedback* por parte dos discípulos consiste, para Jesus, em uma percepção do alcance de seu chamado, em outras palavras, os efeitos que seu chamado têm sobre os seguidores. Além disso, o questionamento de Jesus possibilita a percepção do nível de compreensibilidade por parte de seus discípulos, os Doze, acerca, sobretudo, do messianismo assumido por Jesus.

Outra consideração pertinente sobre a cristologia marcana e que não pode ser esquecida é o assim chamado "segredo messiânico". Para D. Harrington, "a ideia teve sua origem nos vários episódios em que Jesus ordena às pessoas que guardem silêncio sobre sua ação ou identidade" (veja 1,34.44; 3,12; 5,43; 7,36; 8, 26.30; 9,9). D. Harrington, amparado em W. Wrede, explica que Jesus não reivindicou ser o Messias. Esta ideia é pertinente para entender-se a cristologia de Marcos na qual o fenômeno Jesus não queria para si os holofotes, mas sim realizar obedientemente a vontade do Pai²².

W. Wrede considerou Marcos um importante catalisador de tradições históricas a respeito de Jesus. Marcos desenvolveu a tese precisa no coração de sua narração: o *segredo*

¹⁹ LENTZEN-DEIS, Fritzeo. *Comentário ao Evangelho de Marcos: modelo da nova evangelização*. São Paulo: Ave Maria, 2003. p. 37.

²⁰ LENTZEN-DEIS, *Comentário*, p. 37.

²¹ Vale perceber que Jesus chama primeiro Pedro e seu irmão André, Tiago e seu irmão João (Mc 1,17). Depois convida Levi, que estava à beira do caminho (Mc 2,13) e, por fim, em Mc 3,13-19, vemos a narração da instituição dos doze apóstolos. É gradativa a formação de seu discipulado e, à medida que ele vai se configurando, torna-se uma instituição chamada "Doze", com toda a força simbólica que este número comporta.

²² HARRINGTON, *O Evangelho*, p. 67.

messiânico. Segundo este segredo, a messianidade de Jesus não deve se tornar pública antes da cruz e da ressurreição. O segredo messiânico pode ser considerado um produto do cristianismo primitivo. W. Wrede toma como ponto de partida a ausência da reivindicação messiânica do Jesus histórico e permite reconciliar as duas cristologias em conflito no cristianismo primitivo: uma cristologia “baixa”, segundo a qual Jesus se tornaria Messias a partir da ressurreição, e uma cristologia “alta”, que interpretava a existência de Jesus terrestre em termos messiânicos. Esta hipótese foi largamente discutida e que, hoje como ontem, está muito distante de um consenso. A leitura de W. Wrede faz-se fundamental para a compreensão da teologia de Marcos²³ e de sua intenção literário-narrativa, afirma É. Cuvillier²⁴.

Em diálogo com a teoria do segredo, formulada por W. Wrede, percebe-se, contudo, que a messianidade de Jesus vai sendo crescentemente revelada no interior da narrativa marcana, mesmo que esta esteja prenhe de intrigas e tensões bipolares. Evidências desta tensão podem ser apreciadas no capítulo 8. O discípulo Pedro e o cego de Betsaida simbolizam: um, a cegueira da fé; e outro, a cegueira físico-corporal. Ambos os personagens são convidados por Jesus a reconhecerem sua messianidade de Filho de Deus. Como diz C. Focant:

[...] o cego de Betsaida foi curado duas vezes (8,22-26), sem dúvida símbolo da dificuldade dos discípulos em vencer sua cegueira de uma só vez: Pedro é capaz de reconhecer em Jesus o Messias, mas não de aceitar a perspectiva de que esse Messias sofra e seja rejeitado pelas autoridades religiosas judaicas antes de ser condenado à morte. Por seu turno, a cura do cego Bartimeu (10,46-52) situa-se em oposição à cegueira dos discípulos instruídos, a partir de 8,31, do caminho da Paixão, e ele traça simbolicamente o caminho do verdadeiro “seguimento”: a seu pedido, o cego é salvo por sua fé e, quando ele recupera a visão, é para seguir Jesus no caminho²⁵.

²³ De acordo com Rhoads, Dewey e Michie, “sabemos poco acerca del autor del evangelio de Marcos y de sus primeros oyentes. Este evangelio no fue firmado ni datado y no contiene nada que atestigüe explícitamente ni su localización geográfica, ni las circunstancias específicas en que fue escrito, ni siquiera el sexo de su autor. Sin embargo, por comodidad, seguiremos refiriéndonos al autor con el nombre de ‘Marcos’”. RHOADS; DEWEY; MICHIE, Marcos, p. 14. Em relação às tradições sobre Marcos, trataremos no limiar do próximo capítulo. Cf. também, CLIFTON BLACK, C. *Mark: images of an Apostolic Interpreter*. South Carolina: University of South Carolina Press. 1994.

²⁴ Cf. CUVILLIER, Élian. *L'Évangile de Marc. Genève: Labor et fides*, 2002. p. 17.

²⁵ FOCANT, Camille. Análise literária e exegese bíblica. *Revista Teoliterária*, São Paulo, v. 2, n. 4, 2012, p. 36. Disponível em: <http://www.teoliteraria.com/tlj/index.php/tlt/article/view/59/57>. Acesso em: 20 ago 2013.

Desta maneira, pode-se considerar que a messianidade de Jesus é progressivamente revelada e que o segredo messiânico acaba sendo discretamente diluído porque, embora querendo que os discípulos mantivessem o sigilo sobre sua identidade, Jesus, na narrativa de Marcos, a revela e acusa-os de não o reconhecerem verdadeiramente. Desta forma, o segredo seria desnecessário, já que os próprios discípulos não compreendem quem é aquele que os chamou para o caminho. Em Mc 9,19, Jesus repreende os discípulos, dizendo: "ó geração incrédula" (w= genea. a;pistoj).

Na opinião de D. Harrington, "a resposta à pessoa de Jesus é o discipulado". É no seguimento de Jesus que os discípulos encontraram respostas necessárias para conhecê-lo. Para D. Harrington, as passagens que narram a vocação dos primeiros discípulos (1,16-20; 2,13-14; 3,13-19; 6,6b-13) estão no rol das narrativas mais positivas do evangelho marcano. O ideal de discipulado nasce, em Marcos, do fato de "estar com Jesus", significando compartilhar da missão jesusânica: pregar o evangelho e curar os enfermos (3,14-15). Percebe-se que, na primeira parte do evangelho, "os discípulos são retratados como exemplos a serem imitados; na segunda parte, eles são exemplos a serem evitados"²⁶. No relato da Paixão, Pedro nega Jesus (14,26-31.54.66-72) e Judas o trai (14,17-21.43-52). Vale lembrar que as predições da Paixão de Jesus (8,31; 9,31; 10,33-34) antecipam a incompreensão dos discípulos. Mesmo se revelando aos discípulos por meio de ações, parábolas, palavras e anunciando seu destino, Jesus é ainda incompreendido.

No tocante à evolução da consciência messiânica de Jesus, tal "evolução biográfica com o ponto crucial em Mc 8: na Galileia, formou-se a consciência messiânica de Jesus; em Cesareia de Filipe, ele se revelou aos discípulos como Messias"²⁷. Assim, Mc 8 torna-se chave hermenêutica para todo o evangelho de Marcos. A "dobradiça" que simboliza este capítulo não serve apenas para a divisão das duas secções do evangelho, mas também para demarcar acesso ao verdadeiro entendimento de quem é Jesus, o Messias e o Filho de Deus. Neste sentido, J. Gnilka amplia a leitura do horizonte cristológico de Marcos, afirmando que: "Em Marcos, pelo contrário, encontramos toda sorte dos títulos cristológicos:

²⁶ HARRINGTON, *O Evangelho*, p. 68.

²⁷ THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 23.

Jesus não é somente o Filho do homem presente, vindouro e sofredor, mas é também o Filho, Filho de Deus, Filho de Davi, Cristo, *Kyrios*²⁸.

No segundo evangelho, a identidade do Messias Jesus é progressivamente revelada e constituída, atingindo o clímax na morte de cruz. “A cristologia de Marcos, sendo uma ‘teologia narrativa’ e não uma ‘teologia sistemática’, conduz o leitor até o momento da cruz, no qual é proclamado o Filho de Deus na pessoa do Messias crucificado”²⁹ (15,39).

5. Conclusão

Conclui-se que o Reino de Deus, a soberania de Deus sobre a experiência humana, pode ser considerado o epicentro do evangelho marcano e tal anúncio caracteriza tanto este evangelho como a própria identidade de Jesus, evidenciada por ele. O evangelho, como boa notícia, põe em evidência a soberania de Deus sobre a dimensão do humano. Deus irrompe na história humana e, em Jesus Cristo, esta novidade se converte em anúncio, uma Boa Nova. Jesus deixa claro que Deus quer que sua hegemonia se faça presente na história da humanidade, esta categoria hegemônica de Deus pode ser entendida por Reino. O Reino de Deus não pode ser entendido como realidade histórica, como as que percebemos nas estruturas de alguns governos monarcas, como forma de supremacia, mas como domínio de Deus, que deseja a salvação do ser criado à sua imagem e segundo sua semelhança (Gn 1,27). Deus criou o ser humano e sua destinação é a salvação que ele deseja, sonha. O Reino é lugar onde esta salvação se concretiza e irrompe-se no horizonte da eternidade. Portanto, o Evangelho de Marcos, como primeiro anúncio de Jesus, que ensina, cura, e anuncia o Reino por palavras e obras, constitui um anúncio da soberania divina, do Reinado de Deus e ao mesmo tempo a o anúncio da identidade de Jesus, o Filho de Deus, o Messias, salvador da Humanidade.

6. Referências

- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: _____*. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador: ensaio de Cristologia crítica para o nosso Tempo*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

²⁸ GNILKA, *El Evangelio I*, p. 25.

²⁹ LENTZEN-DEIS, *Comentário*, p. 37.

- BULTMANN, Rudolf Karl. *Apud* BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- CLIFTON BLACK, C. *Mark: images of an Apostolic Interpreter*. South Carolina: University of South Carolina Press. 1994.
- CUVILLIAN, Élian. *L'Évangile de Marc*. Genève: Labor et fides, 2002. p. 17.
- DELORME, Jean. *L'heureuse annonce selon Marc: lecture intégrale du deuxième*. Évangile I et II. Paris: Les éditions du Cerf; Montréal: Médiaspaul, 2008.
- _____. *L'Heureuse annonce selon Marc: lecture intégrale du deuxième évangile II*. Paris, Montreal: Éditions du Cerf, Médiaspaul. 2008.
- DUQUOC, Christian. *Cristologia: ensaio dogmático I*. São Paulo: Loyola, 1992.
- FITZMYER, Joseph; MURPHY, Roland E. (Ed.). *Novo comentário bíblico São Jerônimo*. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2011.
- FOCANT, Camille. Análise literária e exegese bíblica. *Revista Teoliterária*, São Paulo, v. 2, n. 4, 2012, p. 36. Disponível em: <http://www.teoliteraria.com/tlj/index.php/tlt/article/view/59/57>. Acesso em: 20 ago 2016.
- GNILKA, Joachim. *El Evangelio según san Marcos: Mc 1-8,26*. v. 1. 5 ed. Salamanca: Sígueme, 2005.
- _____. *El Evangelio según san Marcos: Mc 8,27-16,20*. v. 2. 5 ed. Salamanca: Sígueme, 2005.
- _____. *Jesus de Nazaré: mensagem e história*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HARRINGTON, Daniel J. O Evangelho segundo Marcos. In: BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph; MURPHY, Roland E. (Ed.). *Novo comentário bíblico São Jerônimo*. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2011.
- JEREMIAS, Joachin. *Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Teológica, 2004.
- LENTZEN-DEIS, Fritzeo. *Comentário ao Evangelho de Marcos*. São Paulo: Ave Maria, 2003.
- LIBANIO, João Batista. A redescoberta do Reino. *Ciberteologia*. Revista de Teologia e Cultura. São Paulo, ano 2, n. 12, p. 53-56, 2007. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/06/03aredescobertadoreino.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2016.
- MAINVILLE, Odette; MARGUERAT, Daniel. Ressurreição: o pós-morte no mundo antigo e no Novo Testamento. *Ciberteologia: Revista de teologia e cultura*. São Paulo, n. 4, mar-abr 2006, p. 1-8. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/05/ressurreicao.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2016.
- PESCH, Rudolf. *Il Vangelo di Marco: introduzione e commento ai capp. 1,1-8,26*. Brescia: Paideia, 1980.
- RHOADS, David.; DEWEY, Joanna.; MICHIE, Donald. *Marcos como relato*:



XII Simpósio Internacional Filosófico -Teológico "Filosofia e Teologia: relações e tensões"

De 05 a 07 de outubro no campus da FAJE

STANDAERT, Benoît. *Évangile selon Marc: commentaire*. Pendé: J. Gabalda, 2010.

TAYLOR, Vincent. *The Gospel according to St. Mark*. 8. ed. London: Macmillan and Co. Ltd. 1969.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.